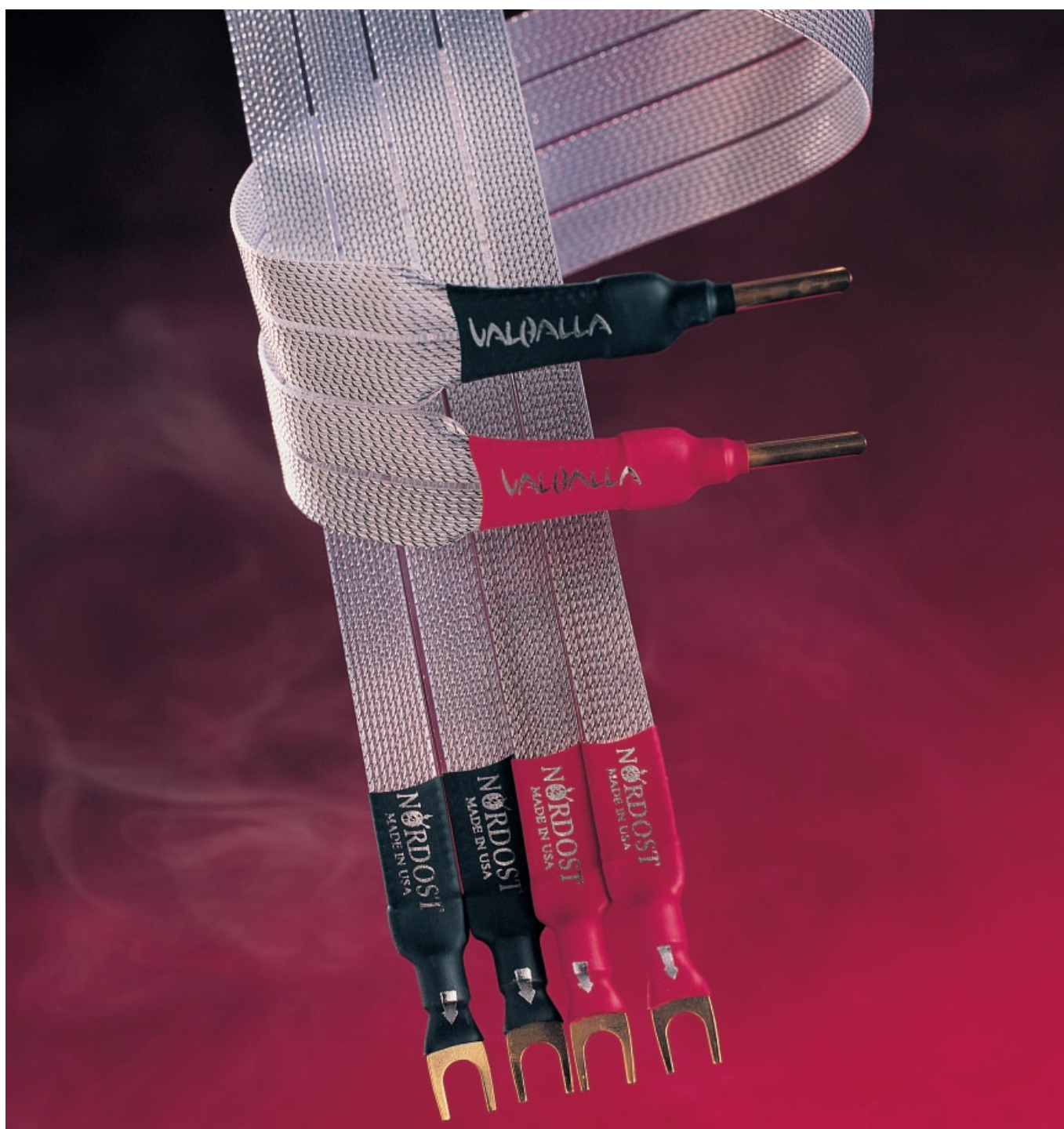


NORDHOST VALHALLA

Provocações

Harry Pearson e Manuel Ribeiro inspiraram-me para esta crónica. O primeiro porque considera o cabos Nordost Valhalla como, e cito: «Um triunfo puro e simples»; o segundo porque, sob o tema «Provocações», escreve no NM sátira social bem humorada com uma ironia a roçar o sarcasmo que deixa as leitoras feministas – que inocentemente o tomam à letra – à beira de um ataque de nervos.



TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

UM LEITOR INSURGIU-SE PELO FACTO DE EU escrever sobre «coisas» caras. Logo outro veio a terreiro defender que ler sobre coisas caras é «coisa» boa. Eu adoro ler (e escrever) sobre coisas que não posso ter na vida real. «Literatura» é isso mesmo: a arte não tem de ser a imitação da vida – tem de ser mais (e melhor) do que a vida. E há quem goste de escrever sobre a vidinha, como se não fosse chateza bastante tal como é.

Já aqui se declararam repetidamente os princípios que norteiam «Sons»: é tudo menos um guia do comprador. A única «coisa» que o DNA pretende vender são muitos exemplares do DN. E eu ao DNA vendo escrita – só isso. Se o leitor der por bem empregues os 150 paus do jornal (o DNA é de borla, não se pode exigir muito) e os cinco minutos que perdeu a ler-me, fico feliz. Algumas centenas de e-mails que tenho em arquivo entre críticas e elogios são motivo bastante de felicidade. Os outros podem utilizar o jornal como entenderem: para embrulhar peixe, castanhas – eu preferia flores – ou outras funções menos nobres. Amigos como dantes.

Recentemente, publiquei no Notícias Magazine, a propósito das colunas Krell LAT-1, uma crónica que espelha bem o que penso sobre alta fidelidade. Passo a transcrever alguns excertos:

«A partir de um determinado patamar de qualidade, um equipamento de alta fidelidade deixa de ser um produto de consumo para passar a ser uma obra de arte; o seu valor material é neste contexto substituído pelo valor intrínseco: a relação qualidade/preço (factor determinante no acto de compra) passa aqui para segundo plano.

O «high-end» (um termo utilizado pela primeira vez por Harry Pearson, editor da revista «The Absolute Sound», para designar a alta fidelidade ao mais alto nível) atingiu um tal estágio de desenvolvimento e perfeição que o valor passou a ser aferido pelo prisma artístico e já não pelo prisma comercial. São obras as-

de consumo acabados de sair de uma linha de montagem anónima no longínquo Oriente.

A razoabilidade do preço não depende assim do objecto mas do sujeito, ou melhor, dos sujeitos: o Eu e o Outro. Certos equipamentos de alta fidelidade são reflexos da personalidade de quem os compra e de quem os concebe. Como um quadro. Uma escultura. Uma sinfonia. Um livro. Um relógio. Um vinho até. Não faz sentido discutir o preço real de um quadro (tintas, tela, etc.), é um exercício inconsequente e frustrante. O génio não é quantificável.

De facto, alguns equipamentos high-end são verdadeiras obras de arte, que deviam estar expostas num museu para serem apreciadas sem nos sentirmos frustrados à saída por não podermos comprá-las. O usufruto da arte – como o amor, aliás – não implica necessariamente a posse. Dennis de Rougemont (O Amor e o Ocidente) defende a tese de que todos os grandes romances ocidentais são sobre amores contrariados ou não consumados: há pois muito de Tristão e Isolda na relação dos audiófilos com os seus objectos de desejo. É talvez por isso que a eventual posse não os satisfaz por muito tempo, e a busca incessante pela perfeição nunca alcan-

Os Valhalla são, além disso, lindos: têm a beleza dos cabelos e do canto das sereias, parecem fitas do laço de um fato de noiva – símbolo de pureza virginal.

çada se revela afinal como razão de ser de uma indústria na qual o preço é a espada simbólica que separa os amantes».

Compreendo assim que A. Pereira se sintia de novo provocado quando ler o preço que pedem por um par de cabos Nordhost Valhalla. Para gáudio do leitor A. Almeida que entende estas crónicas como aquilo que de facto são: meros exercícios de dialéctica audiófila cujo objectivo não é mais que excitar pelo excesso e pela hipérbole a curiosidade e o interesse por um fenómeno cultural que tem adeptos incondicionais em todo o mundo: a reprodução de música gravada no limite da perfeição. Não se paga nada para ouvir. A posse, essa sim, já é uma questão de orçamento. Como quase tudo na vida. E com fio de candeeiro a 50 paus o metro também se transmitem sinais eléctricos. Mas deixa passar a música?...

Há quem goste de ler sobre isto, como há quem se excite com revistas que mostram ilhas paradisíacas, carros de sonho, mulheres sofisticadas posando com roupa que ninguém veste e modelos masculinos com o pirilau à mostra, ou obras de poetisas cujos poemas fariam corar Bocage. Life takes all kinds, dizem os americanos.

Valhalla Reference é o cabo para colunas topo de gama da Nordhost Flatline Corporation, uma empresa que, como o nome indica, produz cabos chatos – no sentido de planos, que de chatos não têm nada. Já uma vez apelidei os cabos de «perfumes de áudio», porque, tal como os ditos, no mundo da alta costura, são um acessório – logo, um negócio da China. Há quem diga que qualquer fio de co-

paladas virtudes de certos cabos não passam de banha-da-cobra. Seja como for eu prefiro um som «perfumado» a um som a cheirar a suor – e alguns são um autêntico pivete acústico. Todos eles se arrogam de uma ou outra característica técnica a raiar as artes alquímicas. No caso dos Valhalla, o cabo é composto por quatro secções de dez filamentos de prata cada, percorridos por uma malha helicoidal que sustenta o dieléctrico (revestimento) de Teflon transparente. Como os condutores ficam suspensos no vácuo (não tocam no dieléctrico), a constante dieléctrica (1,38) é próxima da do ar (1,0). Isto faz com que o atraso na propagação do sinal seja de uns meros 1,06 nanosegundos, ou seja, 94% da velocidade da luz! E chega de alquimia.

Os Valhalla são, além disso, lindos: têm a beleza dos cabelos e do canto das sereias, parecem fitas do laço de um fato de noiva – símbolo de pureza virginal. É essa pureza e fidelidade absoluta que os torna tão transcendentes ao ponto de nos ser vedado definitivamente o caminho de retorno. Aqui não há divórcios (aliás, seria um desastre financeiro). Só a morte (ou a surdez) pode roubar o ouvinte ao sortilégio deste som. Não é um amor à primeira vista, admito. Com as Wilson Watt/Puppies tive dificuldade em justificar a fama e o proveito dos Valhalla, em relação, por exemplo, aos Siltech, que também utilizam condutores de cobre puro banhados a prata fina. Fiquei indiferente aos protestos de outros críticos que avalizavam com o seu prestígio a superior reprodução de graves, a total ausência de grão electrónico, até o volume do som que, dizem, parece aumentar como por magia. Eu já tinha tudo isso com os Transparent Audio e os Siltech. Até que liguei os Valhalla às Martin-Logan Odyssey. E foi preciso um painel electrostático para tornar evidente a diferença subtil em termos de espaço, de escala e volumetria, de verosimilhança e tangibilidade da imagem estereofónica e seus intervenientes activos. Por comparação, os outros cabos, que antes me soavam pouco menos que perfeitos, apresentam agora furtivos indícios auditivos (não mais que uma fugaz sensação de desconforto) de que apertam, limitam, restringem, numa palavra, comprimem, parecendo perturbar o débil equilíbrio da teia de harmónicos que gravitam na órbita dos sons fundamentais, deixando no ar apenas a sombra evanescente do que antes era um amplo e duradouro sorriso musical.

Valhalla é o vestíbulo do paraíso onde Odin, deus da mitologia nórdica, recebe a alma dos heróis mortos em combate finalmente liberta do corpo que a prendia. De facto, os cabos Valhalla são divinos, mas custam os olhos da cara. E estão pela hora da morte... ■

jvhsom@mail.telepac.pt

Cabos Nordost

Valhalla Reference

Preço: 1.835 c./par 3 m

Distribuidor: IMACÚSTICA

Rua Duque de Saldanha, 424, Porto, tel.

22 537 7319. fax: 22 518 0189.

e-mail:imacustica@mail.eunet.pt

Nota: Nordost tem modelos de cabos

a partir de: 25 c. (par/ 3 metros) que

utilizam a mesma tecnologia com nomes

como: Moonglow, Solar Wind,

Blue Heaven, Red Dawn. Lindo, há?!...